

11380 - Projeto “Mãe Terra: cultivando e valorizando saberes” uma ação agroecológica em doze comunidades dos municípios de Ubaíra e Brejões, Bahia

Project "Mother Earth: Cultivating knowledge and valuing" an action in twelve agro-ecological communities and the municipalities of Ubaíra and Brejões, Bahia

SOUZA, André Leonardo Vasconcelos¹; NEVES, Patrícia Moura²; GALVÃO, Marialva dos Santos³

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano campus Santa Inês, andre.souza@si.ifbaiano.edu.br; 2 Rede de Desenvolvimento Social, paty_neves@hotmail.com ; 3 Rede de Desenvolvimento Social, marialvagalvao@hotmail.com

Resumo: O projeto *Mãe Terra: cultivando e valorizando saberes* surge a partir da demanda dos agricultores e agricultoras dos municípios de Ubaíra e Brejões, em conjunto com ações da Rede de Desenvolvimento Social – REDES e do IFBAIANO campus Santa Inês. O projeto se desenvolve no território do Vale do Jiquiriçá, região que possui uma área de 12.415 km², do Estado da Bahia e população total de 335.580 habitantes. O projeto começa a ser desenhado a partir do conhecimento local de doze comunidades e suas idéias de produção agrícola, melhoria da qualidade de vida, com o foco na recuperação e preservação ambiental. A metodologia adotada foi e continua sendo o Diagnóstico Rápido e Participativo (DRP) no meio rural, com ações interdisciplinares, a “educação popular” e o “teatro do oprimido” que permite entender e construir novos valores a partir de sua própria história. Como base metodológica foi implantado um “ninho” – espécie de unidade demonstrativa – em cada comunidade. As avaliações são constantes para visualizar os erros e acertos, procurando cada vez mais alcançar os objetivos desejados. A visibilidade e os resultados da proposta estão alcançando outras comunidades.

Palavras-Chave: Transição agroecológica, IF BAIANO, agricultura familiar, REDES

Descrição da experiência

“Antes eu sonhava em sair para estudar e arranjar um emprego lá fora. Hoje eu vejo meu futuro aqui na comunidade, uma comunidade bem melhor, um bom lugar para a gente viver bem.”

Pedrinho (17 anos) dos Oitis:

O projeto *Mãe Terra: cultivando e valorizando saberes* é uma ação da Rede de Desenvolvimento Social – REDES, em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano campus Santa Inês. O projeto se desenvolve no território do Vale do Jiquiriçá, região que possui uma área de 12.415 km², correspondente a 2,5% do Estado da Bahia e população total de 335.580 habitantes (IBGE, 2000). Cerca de 46% da população do território residente no campo, sua densidade populacional é de 25,5 hab./km², sendo que 73% da população economicamente ativa atuam em atividades agropecuárias. As ações do projeto se desenvolvem, mais especificamente, em 02 comunidades do município de Brejões e 10 comunidades do município de Ubaíra. Os municípios de Brejões e Ubaíra possuem o IDH de 0,643 e 0,624, respectivamente, ambos menores que o do Estado da Bahia (0,742) e do Brasil (0,699) no mesmo período

(IBGE, 2000). O projeto surge a partir de ações da REDES que apóia os movimentos de agricultores e agricultoras dos municípios de Ubaíra e Brejões desde 2005. O projeto começa a ser desenhado a partir do conhecimento local de doze comunidades e suas idéias de produção agrícola, melhoria da qualidade de vida, com o foco na recuperação e preservação ambiental. A preocupação principal é desenvolvimento comunitário que assegure a permanência de jovens, agricultoras e agricultores, de forma digna e sustentável na zona rural. As ações foram direcionadas, principalmente, para evitar a desestruturação das famílias, causadas pelo êxodo rural tão freqüente em toda a região. Após a conclusão da proposta, a REDES apresenta a SUAF e CAR-SEDIR que o aprova na íntegra o projeto, pois, ali estava a alma e os anseios de doze comunidades rurais.

A metodologia adotada para o trabalho comunitário foi e continua sendo o Diagnóstico Rápido e Participativo (DRP) no meio rural, com ações interdisciplinares (Kummer, 2007), a “educação popular” e o “teatro do oprimido” que permite entender e construir novos valores a partir de sua própria história. A base metodológica permitiu um aprendizado participativo - ***cultivando e valorizando os saberes*** populares que somados aos conhecimentos científicos dos professores do IF Baiano campus Santa Inês facilitou o desenvolvimento das atividades.

A metodologia utilizada no *Mãe Terra* permite também estruturar, gestar e potencializar as inovações tecnológicas produzidas por e com as comunidades envolvidas. Para tanto, em cada comunidade foi implantado um “ninho” – espécie de unidade demonstrativa – que fica na propriedade de um multiplicador eleito por sua comunidade. O multiplicador recebe uma ajuda de custo para participar de capacitações e implantar tecnologia limpa que promova a melhoria de vida e saúde ambiental da comunidade. Os “ninhos” recebem visitas semanais dos técnicos, nestas são identificadas e discutidas as necessidades do multiplicador e sua comunidade. Os multiplicadores identificam também em suas comunidades as necessidades dos jovens e das mulheres que muitas vezes não se referem ao processo produtivo, tais como: artesanato, teatro e culinária local.

A equipe técnica do Projeto, professores do IF Baiano campus Santa Inês e outros técnicos parceiros, capacitam agricultores e agricultoras com técnicas agroecológicas utilizando a metodologia de dias de campo e realizações de ações práticas como mutirões ou “digitórios” (troca de dias trabalhados entre os agricultores), como atesta a Srª Ibenildes da Palmeira *“Com esse projeto nós conhecemos muita gente de fora, de outras comunidades e estamos muito mais unidos, um pensando no outro. (...) Tem que continuar os mutirões para proteger o ambiente, proteger as águas, ter transporte para não perder nada o que se tem prá vender.”*

As capacitações e diálogos com os agricultores têm como foco principal a organização comunitária, diversificação da produção, a segurança alimentar, redução de insumos externos (produção de composto orgânico, uso da palha de café, cacau, tronco de bananeira, manipueira, etc.), criação de pequenos animais (abelha sem ferrão, galinhas, ovelhas, coelhos, etc.), cercas vivas, produção e plantio de mudas nativas que promovem autonomia, saúde e preservação ambiental, redução de custos e melhoria da qualidade de vida das comunidades. As ações do projeto *Mãe Terra* pretendem aumentar e diversificar cada vez mais as oportunidades para agricultoras, agricultores, jovens e crianças. Em 2010, a partir da demanda dos agricultores, o projeto conquistou um Telecentro Rural que está instalado no Barracão Comunitário, construído pelos

agricultores – na sede do projeto a Aldeia Serra Viva – com material local e aproveitamento de materiais reciclados. No Barracão também funcionam a *Sala de Cinema* para o *cine-clube* e a *Cozinha Rural*, local de capacitação. A Aldeia Serra Viva funciona também como um “ninho”, nela são desenvolvidos diversos sistemas agroecológicos, com base na agricultura local, que interagem entre si conservando o fluxo energético e integrando as diversas ações. A Aldeia funciona como um Centro de Tecnologia Alternativa que serve de “unidade demonstrativa”. Além de praticar a agricultura da região de forma agroecológica, novos experimentos estão sendo feitos com o objetivo de potencializar as práticas agrícolas da região.

Resultados

Ao longo de um ano de projeto é possível enumerar várias ações que contribuirão para mudanças socioambientais nas comunidades assistidas pelo projeto. O depoimento do Sr. Helio da comunidade da Palmeira relata algumas mudanças “*No começo a gente não prosperava, ia tudo prá o adubo e a gente usava muito veneno. Hoje melhorou tudo sem o veneno. Aumentamos nossa roça, o projeto trouxe mais renda pro lugar, mais trabalho (...), conseguimos até fazer a nossa casa.*” O Quadro 1, destaca algumas mudanças no manejo e práticas culturais/ambientais dos agricultores e agricultoras que participaram do projeto.

Quadro 1. Relação das práticas de manejo utilizadas pelos agricultores assistidos antes e depois do projeto **Mãe Terra**.

Práticas culturais/ambientais	Antes	Depois
<i>Adubação orgânica</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
<i>Adubação química</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
<i>Consórcio</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
<i>Rotação de cultura</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
<i>Queimada</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
<i>Cobertura morta</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
<i>Aração/Gradagem mecanizada</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>

O Sr. Ivan residente na comunidade do Comum da Carlota relata também algumas mudanças:

“*Antes do projeto todo mundo trabalhava sem técnica, sem controle, achando que usando equipamento de segurança estava resolvido o problema. Depois do projeto fui caindo na real que eu agredia a natureza, a minha saúde e da minha família. O que eu produzia a gente não comia. Era para vender e eu nem pensava que estava prejudicando os outros. Antes quando eu ia plantar pensava mais no que eu ia comprar. Hoje eu me preocupo mais com a preservação da minha terra e vejo a grande diferença, mais vantagem, não agrido a minha roça e não tenho mais pragas e doenças. Uso a casca do cacau da minha roça, esterco das galinhas que a gente cria, biofertilizantes e nunca mais a Casa do Fazendeiro me viu.*”

Entre as práticas culturais adotadas é possível destacar também a diversificação de cultivos e a diversificação dos tipos de adubações orgânicas utilizadas. Dentre os agricultores que utilizam adubação orgânica 57,1% e 28,5% utilizam adubos de gado e

frango respectivamente. Os agricultores e agricultoras multiplicadores utilizam além dos estercos de gado e frango curtidos outras adubações mais elaboradas com composto orgânico (71,5%) e biofertilizantes (42,87%), ambos aprendidos em cursos e práticas comunitárias. Antes do projeto cerca de 70% dos multiplicadores gastavam até R\$ 50,00 reais com agrotóxico e adubos solúveis e cerca de 30% gastavam até R\$ 100,00 reais com esses produtos. Além da redução com os insumos os multiplicadores obtiveram maior produtividade com a utilização de práticas agroecológicas. Em entrevista cerca de 29,0% dos multiplicadores aumentaram seus rendimentos em 100%, 14,3% em 160% e 14,3% em 11,66%, os outros 42,4% não souberam informar seus rendimentos antes do projeto e consequentemente não puderam ter seus rendimentos comparados.

Contudo, o grande indicador de sucesso do projeto *Mãe Terra* não são apenas os números registrados, mas o pertencimento e empoderamento que os agricultores, agricultoras, jovens e crianças têm com o projeto. Como afirma Maiara 10 anos comunidade da Palmeira, “*Antes eu quase não saia e depois que comecei a vir para o Projeto fiz bastante amigos aqui, aprendi muitas coisas como: mosaico, o teatro. Eu tinha muita vergonha de falar, eu tremia muito. O teatro me ajudou muito, hoje não é mais difícil falar ou apresentar para as pessoas.*” Os jovens e crianças chegam a caminhar até seis quilômetros, muitas vezes enfrentando chuva e frio, para participar das atividades de artesanato, mosaico, cine-clube e teatro na sede do projeto. As mulheres disputam vagas em capacitações de processamento e aproveitamento de frutas, galinha caipira e outras atividades a elas dirigidas. Em todas as atividades são exercitadas a ética e cidadania, estimulando à valorização da vida rural, seja através de pesquisas sobre as histórias e estórias locais, seja apresentadas em espetáculos de teatro que no futuro próximo, serão apresentadas como documentários no Cine-Clube.

As avaliações são constantes para visualizar os erros e acertos, procurando cada vez mais alcançar os objetivos desejados. A visibilidade e os resultados da proposta estão alcançando outras comunidades, além das participantes do projeto *Mãe Terra*. As comunidades têm demandado participar das atividades do *Mãe Terra*, incorporando e ampliando saberes. As comunidades da região do semi-árido, principalmente, de Brejões são as mais motivadas. Diversas comunidades solicitaram e já foram visitadas pela equipe do *Mãe Terra*, contudo, será preciso programar e articular ações, junto com os parceiros e os órgão financiadores. E assim, o projeto *Mãe Terra* vai ganhando força e visibilidade em toda a região.

Agradecimentos

No decorrer do projeto diversas instituições foram parceiras é possível citar algumas como a prefeitura de Brejões, Amargosa, Centro Sapucaia, Instituto Mauá e a REPARTE – Rede Parceiros da Terra contribuiu com capacitação para a equipe do Projeto *Mãe Terra*, potencializando o caminhar dos técnicos, dos agricultores, agricultoras, jovens e crianças da região.

Bibliografia Citada

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2000. www.ibge.gov.br. Acesso em 12 de fev de 2010.

KUMMER, L. Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar - conceitos, ferramentas e vivências. Salvador: GTZ, 2007. 155p.